

Resenha

A China na Nova Configuração Global: Impactos Políticos e Econômicos

Vanessa de Paula Pereira¹

Organizadores: Rodrigo Pimentel Ferreira Leão; Eduardo Costa Pinto e Luciana Acioly
(Ipea, 2011, Brasília)

A pujante *performance* econômica e política da China aguça olhares curiosos advindos de todos os continentes. Afinal, a escalada hierárquica no sistema mundo realizada por esse país ao longo das últimas décadas não foi nada desprezível. Simplesmente um império ainda inerte no início do século XX consegue chegar, no início do século XXI consagrado como o país mais dinâmico, embora os Estados Unidos ainda permaneçam como o centro do sistema monetário e financeiro internacional.

É claro que, concomitante com esse movimento, a importância da China cresce exponencialmente tanto no âmbito das instituições multilaterais quanto em suas relações com os diversos países e/ou regiões. No que tange a esse último aspecto, que envolve o entendimento das mudanças que a ascensão da China tem causado às diversas nações, a leitura do livro **A China na Nova Configuração Global: Impactos Políticos e Econômicos** configura-se como um manancial imprescindível para esclarecimentos, informações e análises.

A obra, publicada pelo Ipea e organizada por Rodrigo Pimentel Ferreira Leão, Eduardo Costa Pinto e Luciana Acioly, é composta por trabalhos de vários autores cujo norte central é o de delinear, sobretudo para o período pós-2000, a relação da China com importantes atores² do sistema econômico e político mundial recente. Para tanto, o livro encontra-se estruturado em oito capítulos que tratam das relações chinesas com: i- Estados Unidos; ii- Europa; iii- demais países asiáticos; iv- Índia; v- Rússia; vi- África; vii- América Latina e viii- Brasil.

O capítulo primeiro, de autoria de Eduardo Costa Pinto, procura evidenciar a relação siamesa que passou a existir entre China e Estados Unidos nas três facetas que envolvem o âmbito econômico: dimensões comerciais, produtivas e financeiras. Em relação ao lado comercial, o autor destaca o grande aumento da corrente de comércio entre as duas economias, marcada em grande medida pela expansão significativa da participação de produtos de maior valor agregado das exportações chinesas para os Estados Unidos e pela elevação do déficit comercial americano com a China. No que concerne à dimensão produtiva, evidencia o fato de a China ter se transformado no centro global de montagem e produção da manufatura. E, na esfera financeira, aponta que a inclusão da China no mercado de capitais norte-americano levou-a a ser, simultaneamente, devedora dos Estados Unidos – devido aos altos investimentos diretos externos americanos no território chinês – e credora – em virtude do enorme acúmulo de reservas soberanas na forma de títulos do Tesouro estado-unidense.

O capítulo segundo, escrito por Sandra Poncet, avalia consideráveis questões entre China e Europa. O objetivo da autora é o de identificar como as economias de baixo salário, particularmente a China, afetam os países europeus. Inicialmente, ela investiga os efeitos da concorrência chinesa sobre os mercados de exportações da União Europeia. A constatação é a de que esta última, quando comparada a outras economias desenvolvidas, tem resistido melhor à concorrência dos países emergentes em decorrência da superioridade tecnológica de seus produtos. Ademais, outra

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Uberlândia. Email: vanessa_dpp@yahoo.com.br

² Sejam países ou regiões.

importante verificação do trabalho é a de que a crescente ocupação chinesa na indústria e no comércio global não tem gerado fortes repercussões no mercado de trabalho europeu.

O capítulo terceiro, de Rodrigo Pimentel Ferreira Leão, preocupa-se em entender a articulação produtiva existente dentro da região asiática. Primeiramente, examina a conexão entre os países da Ásia no contexto ainda liderado pelo Japão e, posteriormente, focaliza sua análise no período pós-crise asiática, momento em que a China passa a ser o país protagonista. Em referência à segunda fase, após 1997, enfatiza as relações de comércio e de investimento direto externo (IDE) da China com os demais países. Mostra que as relações comerciais chinesas têm sido deficitárias com a Ásia desenvolvida e superavitárias com as economias menos dinâmicas da região. Paralelamente, expõe que os fluxos de IDE recebidos pela China vêm majoritariamente do Japão e dos NIE-1³; ao passo que os IDE realizados pela economia chinesa concentraram-se nos países asiáticos menos desenvolvidos.

No quarto capítulo, Diego Pautasso traz à baila as relações sino-indianas. O autor chama atenção para o fato da relação bilateral entre estes dois países ser condicionada pela lógica de expansão chinesa, que tem demandado, via importações, um volume crescente de recursos naturais e ocupado espaço no mercado indiano por meio de seus produtos baratos, tanto menos elaborados como mais sofisticados tecnologicamente.

O quinto capítulo do livro, feito conjuntamente por William Vella Nozaki, Rodrigo Pimentel Ferreira Leão e Aline Regina Alves Martins, busca explicitar as complementaridades e contradições por trás da recente aproximação entre China e Rússia. Enquanto para a primeira a aproximação está alicerçada nos benefícios da manutenção de relações mais estreitas com um país que dispõe de amplo arsenal militar e abundantes recursos energéticos, a segunda se favorece das vantagens de associar-se a uma economia que pode suprir a escassez de recursos para sustentar a modernização de seu próprio setor militar e, além disso, servir de mercado consumidor para suas exportações, em especial para as de petróleo e *commodities*.

No sexto capítulo, Pdraig Carmody e Francis Owusu analisam a expansão da China no continente africano. Os autores explicitam que, apesar de a África não estar entre os principais receptores das exportações e dos investimentos chineses, os volumes destes são bastante relevantes para o desenvolvimento africano, dado o pequeno tamanho de suas economias.

No sétimo capítulo Alexandre de Freitas Barbosa procura traçar um panorama entre China e América Latina nesse início do século XXI. O intuito é o de salientar que a ascendência chinesa, ao reorganizar a inserção internacional do trabalho, impõe novos dilemas estruturais aos países latino-americanos, com impactos sobre suas agendas de desenvolvimento. A fim de patentear essa premissa, resgata as trajetórias macroeconômicas seguidas por China e América Latina desde os anos 1990, exacerbando as diferentes escolhas bem como suas consequências para cada uma dessas regiões. Aqui, o objetivo do autor é o de indicar que enquanto a China optou por estratégias mais independentes, ancoradas na criação de habilidades nacionais próprias, a América Latina adotou estratégias meramente integracionistas que a deixaram à mercê dos acontecimentos internacionais, completamente exógenos ao seu poder de atuação. Para além da descrição das trajetórias macroeconômicas das duas regiões, o autor também analisa as relações econômicas existente entre elas. O estudo mostra que o vínculo entre China e América Latina ainda está centrado basicamente nos aspectos comerciais – exportações e importações. Apesar do recente aumento dos investimentos financeiros chineses na América Latina, eles ainda são considerados marginais.

Por fim, no oitavo capítulo, Luciana Acioly, Eduardo Costa Pinto e Marcos Antonio Macedo apresentam os desafios que o Brasil terá de enfrentar com a ampliação de suas relações comerciais e financeiras com a China. No tocante ao comércio, os autores vão além de mostrar simplesmente o substancial aumento ocorrido nos anos 2000. Eles também analisam detalhadamente a composição da Balança Comercial do Brasil com a economia chinesa. Apontam que os resultados são

³ Os *New Industrialized Economies* (NIE) asiáticos são subdivididos nos seguintes países: i- NIE de 1ª geração (NIE-1) – Cingapura, Coreia do Sul, Hong Kong e Taiwan; e ii- NIE de 2ª geração (NIE-2) – Filipinas, Indonésia, Malásia e Tailândia.

superavitários apenas nos produtos primários e nas manufaturas intensivas em recursos naturais. Expõem que nas demais categorias (baixa, média e alta tecnologia) os resultados são crescentemente deficitários. No que concerne ao lado financeiro, os autores indicam que, apesar elevação expressiva dos investimentos diretos externos entre China e Brasil, eles ainda são modestos. Nesse sentido, concluem que o aprofundamento das relações entre essas duas economias tem-se configurado em um cenário contraditório e complexo. Até o presente momento, o “efeito China” tem gerado: i- especialização regressiva da pauta exportadora brasileira; ii- significativo déficit comercial para o Brasil no caso dos produtos de mais alta intensidade tecnológica; e iii- perda na participação das exportações brasileiras de mais alta tecnologia em terceiros mercados (Europa, Estados Unidos e América Latina) em virtude da expansão das exportações chinesas. Por isso, os autores enfatizam a necessidade de o Brasil aproveitar melhor as oportunidades trazidas pelo estreitamento das relações com a China. Se, por um lado, o Brasil pode contribuir com o avanço tecnológico da China no campo do petróleo, da energia, dos minérios e dos alimentos; por outro lado, o último pode colaborar mais com o primeiro no âmbito da indústria intensiva em tecnologia, da indústria aeroespacial e da mudança do paradigma energético para a energia limpa.

Como pode ser percebido, a emergência da economia chinesa como importante *player* global gerou relevantes efeitos para os diversos países e/ou regiões que podem ser mais bem compreendidos após a leitura do livro **A China na Nova Configuração Global: Impactos Políticos e Econômicos**.

Recebido em 17.02.13

Aprovado em 13.04.13

